

Proteja-se

CLIMA

Depois do frio de ontem, quando a capital registrou a menor mínima do ano e também para maio na série histórica, Minas segue na geladeira até o fim de semana, sob massa de ar polar



Os belo-horizontinos tiveram que tirar os casacos do armário ontem, quando a mínima ficou em 6,7° na cidade



Aglaír e Kátia enfrentaram frio no Bairro Buritis, que registrou a menor temperatura do capital



Vendedor de frutas no Mercado Central, Hércules Batista perdeu a clientela por causa do clima

Termômetro de recordes

BEI FERREZ e MARIANA COSTA

O dia mais frio do ano até então assustou os moradores de Belo Horizonte e região ontem, quando quando os termômetros caíram a 6,7°C na Estação Caceridinha, no Bairro Buritis, Região Oeste de BH. A temperatura foi a menor também para maio na série histórica do Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet). O recorde do mês era de 7,5°C, registrado em 20 de maio de 1977. E a previsão é de repetição da dose hoje, com mínima ainda menor, de 5°C. A máxima não deve passar dos 18°C. De acordo com o Inmet, Belo Horizonte está em onda de perigo por declínio de temperatura, assim como boa parte de Minas Gerais.

Em Belo Horizonte, quem estava no Buritis durante a manhã sofreu com a temperatura e os ventos fortes. O porteiro Aglaír Borges, de 48 anos, contou que nem no sol dava para espantar o frio. "Para acordar hoje foi tranquilo. Mas para abrir a porta e sair de casa foi complicado. Mesmo com o sol, nem a blusa de frio está segura", disse ele.

A assistente administrativa Kátia

Barbosa, de 33 anos, contou que foi difícil sair de casa às 6h para trabalhar e já temia o frio da manhã. "Em casa, estava tranquilo. Só percebi o frio quando sai. Tenho um problema pior porque estudo à noite. Voltar para casa é complicado".

Já o estudante Nathan Haas, de 25 anos, impressionou ao sair de casa para fazer exercícios sem a blusa de frio. "Eu não me importo com o frio. O exercício esquenta também, já estou acostumado com essa rotina de acordar cedo e me exercitar".

Por sua vez, a babá Patrícia Pena, de 41, tentou se esquentar em um banquinho do Parque Aggeu Pio Sobrinho, na Avenida Professor Mário Werneck, mas nem o sol foi suficiente. "Muito frio aqui. Foi difícil acordar hoje. Estou me preparando para a temperatura de amanhã (hoje). Sair de casa bem agasalhado e comer coisas mais quentinhas. Aqui realmente é muito frio".

No Centro de Belo Horizonte, a vendedora Sara Menezes, de 23, disse que fez hora na cama para se levantar e percebeu as ruas menos movimentadas e o

ânibus vazio. "Normalmente, acordo às 5h30, hoje foi às 6h07. Estou com medo da mínima de amanhã (hoje)". Na percepção de Sara, menos gente foi para a rua ontem.

Vendedor de uma loja de frutas e sucos, Hércules Batista, de 54, já começa a sentir falta da clientela, que costuma deixar esse tipo de produto de lado em dias frios. "As vendas caem muito, cerca de 70%. No frio, o pessoal busca bebidas e alimentos quentes para esquentar".

O comerciante Alfredo Suarez, de 60, também apontou queda nas vendas. Alfredo é dono de uma peixaria no Mercado Central e disse que o movimento caiu cerca de 20% nesta época do ano. "Já tem mais de 30 anos que mexo com câmara fria, então o frio não me incomoda. Já me acostumei. Mas nesta época, meu movimento cai. Perco uns 20% da clientela durante o frio".

PREVISÃO O estado continua sob o efeito da massa de ar frio polar até o fim de semana. "A massa de ar frio polar avançou desde a Região Sul do país em direção ao Sudeste, favore-

cendo as baixas temperaturas. A frente fria está indo em direção ao oceano, rumo ao estado da Bahia", explica o meteorologista do Inmet, Cláudio Azevedo.

A previsão para hoje é de céu claro, com geada em pontos isolados nas Regiões Sul, Campo das Vertentes, Oeste, Triângulo, Alto Paranaíba, Zona da Mata, Central e até na Grande BH. "Não se descarta a formação de geadas em pontos isolados, visto que a massa de ar frio polar segue atuando com força no estado", afirma o meteorologista. A mínima prevista no estado é de -1°C, na Região Sul e a máxima deve ser de 29°C na Região Norte. Segundo Azevedo, a tendência para os próximos dias é de temperatura baixa, mas com ligeira elevação. "Até o final da semana, temos condições favoráveis para a formação de geadas em pontos isolados das regiões Sul, Campo das Vertentes, Oeste, Triângulo, Zona da Mata e Central do estado". Nas outras áreas, a previsão é de céu claro e sem chuvas nos próximos dias.

Amanhã, a mínima deve ser de 3°C no Sul do estado e 29°C no Norte. Em BH, a mínima fica em 7°C e a máxima em 21°C. No sábado, a previsão é de termômetros marcando 5°C na Região Sul e 30°C no Norte do estado. Na capital, a mínima deve ser de 8°C e a máxima de 22°C.

Segundo o meteorologista Rubran dos Reis, do ClimaTempo, já é possível prever mais recordes de frio ao longo da temporada. "Não estamos mais sob influência de fenômenos como El Niño e La Niña e estamos entrando em estado de neutralidade. Dessa forma, nesse final de outono e no inverno, entre meses de julho e agosto, será bem frio em Minas", aposta. A temperatura mais baixa em BH até hoje foi de 5°C em 1º de junho de 1979.

Frio lota abrigo em Belo Horizonte

BERNARDO ESTILAC e TÍLIO SÍMÕES

A chegada precoce do frio agrava a situação de quem passa a noite nas ruas das grandes cidades brasileiras. A busca por abrigo ganha um novo elemento para quem já enfrenta diariamente a vulnerabilidade, fome e violência decorrentes da falta de um teto. Em Belo Horizonte, poucas horas antes da madrugada que se anuncia como a mais fria do mês de maio em mais de cem anos, centenas de pessoas buscavam vaga nos centros de acolhimento da capital. Na noite de ontem, o Estado de Minas acompanhou a entrada de pessoas em situação de rua no Albergue Tia Branca, no Bairro Floresta. Com capacidade para 270 homens adultos, o Albergue Tia Branca fica completamente lotado em dias de chuva e frio. Mas a situação não é diferente quando o tempo está ameno. Segundo o coordenador da casa, local é de 260 pessoas. Quase sempre os ambientes ficam lotados, portanto.

"Estou há dois anos na coordenação do albergue, que é um espaço extremamente importante para dar oportunidade a essas pessoas de passar em um momento que elas estão fragilizadas e vulneráveis. A gente oferece um espaço digno de acolhimento, de escuta, para dormir com tranquilidade, se alimentar e se higienizar. As pessoas aqui criam vínculos e por ter essa questão da segurança, é por isso que acessam nesse formato de acolhimento".

As portas do albergue abrem às 17h. Os primeiros a entrar são idosos e pes-

soas com deficiência e, depois, a casa recebe os demais homens maiores de idade. Para conseguir uma vaga, é preciso ter um cadastro e passar por um processo de triagem. Por se propor um ambiente de passagem, o albergue oferece apoio e as vagas de pernoite à participação em movimentos, busca por trabalho, tratamento de saúde e demais formas de assistência para oferecer a oportunidade de independência às pessoas que se encontram em situação de rua. William cita uma das iniciativas coordenadas pela casa, além do acolhimento.

"Temos aqui também um programa chamado 'cálide social'. Quando a pessoa precisa de uma roupa melhor para uma entrevista de emprego, ou para encontrar um familiar, por exemplo, ela pode buscar lá. Sabemos que isso é importante, para quem está na rua, é difícil manter as peças limpas e conservadas, então prestamos esse apoio", explica.

O catador de materiais recicláveis Jefferson Silva chegou ao albergue depois de participar da passeata do movimento antimalcoísmo de BH ontem. Na rua há seis meses, ele conta que faz parte de outros movimentos oferecidos a pessoas que estão sem teto e que ajudam a ter uma vaga no albergue. "Já tem algum tempo que estou na rua e participo do Centro Pop (Centro de Referência da População de Rua) durante o dia e me chamaram para participar do evento. Sou catador de material reciclável e agora vou tomar um banho, jantar e descansar. Já venho aqui no albergue há seis meses, desde que cai em situação de rua. A rua além do frio é perigosa", explica.

Após o processo de triagem para a composição das vagas, cada um dos 270 homens que entra no Albergue Tia Branca recebe passes. Eles são trocados por toalhas e um kit higiene para banho, cobertores e duas refeições: jantar e café da manhã. Às 7h do dia seguinte, todos os ocupantes deixam o albergue.

Além do frio, ocupantes da unidade de acolhimento buscam a fuga das ruas, que significa insegurança. O panfletista Alexandre Mendes Domingues estava no refeitório quando conversou com a reportagem. Entre uma garfada e outra da refeição que chega ao albergue direto dos Restaurantes Populares da capital, ele conta que busca apoio para escapar também da violência.

"Sou de São Paulo, mas minha mãe veio pra Vespasiano e eu vim com ela. Há 14 anos moro em BH. Já cinco venho ao albergue, conheço todos, desde os assistentes até as faxineiras. E onde tenho acesso livre para jantar, tomar banho e assistir à televisão. Mas gosto mais de ficar na minha cama, ler o livro. Em dias assim é indispensável, na rua tem muito frio e muita maldade, pessoas batendo umas nas outras por coisas pequenas, por um cobertor, uma manta", relata.

O carocero Hílton César está na capital mineira há 25 anos, onde foi motorista de ônibus. A reportagem o encontrou lutando contra o alcoolismo. Já idoso, ele conta que faz todos os esforços para escapar da rua, onde encontra mais dificuldades para ter sucesso em sua batalha contra o vício.

"Estou em recuperação e tratamento contra o alcoolismo. Foi motorista de ônibus 9407, locais 9031, Circular, várias linhas. Venho para fugir não só do frio, mas



Entrada do Albergue Tia Branca: centenas de pessoas buscavam vagas na noite de ontem para fugir do frio anunciado para o madrugada



Alexandre Mendes usa o abrigo para escapar não só do frio, mas também de violência das ruas

também para ter um convívio. Estou numa situação difícil e tentando sair, não quero ficar na rua. A rua para mim me traz a maior tristeza, quero sempre estar perto de uma pessoa amiga", disse.

Para o também ex-motorista Paulo Ribeiro da Silva, de 51, a rua foi o destino após a demissão durante a pandemia. Ele esperava uma vaga no albergue quando conversou com a reportagem. "Eu estava fazendo um trabalho e perdi minha hora, mas sou cadastrado aqui e na rua eu não fico. Se precisar, eles me encaminharam para outro abrigo. Eu trabalhava, mas na pandemia, demitiram 80 funcionários da empresa e fiquei sem renda para pagar o aluguel", relata.

Paulo perdeu o emprego no ano passado e, desde então, depende de locais de acolhimento para não passar a noite na rua. Em meados de 2021, período crítico da

pandemia da COVID-19, Belo Horizonte tinha mais de 8.300 pessoas em situação de rua segundo o programa Polos de Cidadania, da Faculdade de Direito da UFMG.

GRANDE PROCURA Por volta das 18h30, com uma hora e meia da abertura dos portões, o Albergue Tia Branca ainda não tinha alocado todos os 272 ocupantes da noite que se anunciava a mais fria do ano. Já fora da rua, cerca de 100 pessoas esperavam pelo processo de triagem e de entrega dos passes para banho, cobertor e refeições no pátio da unidade.

Se protegendo do frio, as pessoas em busca de um teto para a noite se juntavam em pequenos grupos, conversavam com funcionários do albergue e ansiavam pela oportunidade de entrar nas acomodações enquanto a temperatura caía sensivelmente.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Estado de Minas - Belo Horizonte/MG

Seção: Gerais **Página:** 12